

Carta de Leitor

O esboço de C.A. Dreher (**EstTeol**, 26: 169ss., 1986) tenta enquadrar Jz 5 na tese de Mendenhall/Gottwald sobre a revolução social como ato do nascimento do povo israelita. Esta tese de M./G. não apenas é de caráter hipotético⁽¹⁾, mas também é baseada em pressupostos idealizadores⁽²⁾ e trabalha, por isto, de modo seletivo⁽³⁾. Por esta razão gostaria de aproveitar a oportunidade de me posicionar criticamente frente ao esboço de Dreher, porque nem todos os leitores dispõem da possibilidade de conferir os resultados.

1) **P^erāzōn** (Jz 5.7) e **pirzōnō** (Jz 5.11) são traduzidos por Gottwald⁽⁴⁾ e Dreher como “campesinato”, “agricultores”. Embora seja vital esta tradução, falta uma justificação suficiente. Já Gerleman constatou com razão: “The meaning of this word is wholly unknown”.⁽⁵⁾ A LXX, lendo as consoantes “**phrazōn**” (Jz 5.7 A), traduziu: “**dynatoi**” (Jz 5.7 B), cf. Vulgata: “**fortes**”, e “**enischysan**” (Jz 5.11 A), cf. Vulgata: “**fortes**”, daí: “guerreiros” (cf. Hc 3.14)⁽⁶⁾. Não é verdade o que Gottwald diz⁽⁷⁾, que **p^erāzōn** e **pirzōnō** foram traduzidos “normalmente” como um “nome abstrato”, significando “população rural” ou “campesinato”. Exatamente filólogos como Barth⁽⁸⁾, e Brockelmann⁽⁹⁾, etc. **não** apoiaram a tradução “campesinato”. Se, de fato, Jz 5 fala de “camponeses” (dependentes, explorados), porque o texto não usa raízes hebraicas como **ʾkr** ou **ygb** que também se encontram em textos poéticos? A tradução

(1) Cf. O. LORETZ, Habiru-Hebräer, BZAW 116, Berlin/New York, 1984, p. 204 ss e muitos outros.

(2) Cf. F.R. BRANDFON, Norman Gottwald on the tribes of Yahweh, **JSOT**, 21: 101ss (108s), 1981.

(3) Assim falta, p. ex., toda a discussão atual sobre os documentos egípcios (cf. p. ex. as contribuições de M. GÖRG).

(4) **As tribos de Yahweh**, São Paulo, 1986, p. 589.

(5) The Song of Deborah in the light of stylistics, **VT**, 1: 175, n. 2, 1951.

(6) P.C. CRAIGIE, Some further notes on the song of Deborah, **VT**, 22: 350, 1972.

(7) **op. cit.**, p. 783.

(8) **Die Nominalbildung in den semitischen Sprachen**, Hildesheim, 1967, § 193 b, p. 318.

(9) **Grundriss der vergleichenden Grammatik der semitischen Sprachen**, Hildesheim, 1966, v. 1, § 242a, p. 451.

“população fora das cidades”, no entanto, não define, por sua vez, as circunstâncias sociais do texto, mas carece de uma interpretação sociológica concreta. Em contextos (semi-) nômades **p^erāzōn** e **pirzōnō** poderiam significar até “(semi-) nômades”.

2) Na exposição de Dreher não entra suficientemente em cogitação a pergunta, em que medida — nesta fase de conflitos com as cidades-estado cananéias — ainda o fator da imigração estava atuando⁽¹⁰⁾, quer dizer, em que medida, aqui em Jz 4 e 5, tribos ou grupos da fé Javista tomaram a iniciativa bélica. Isto significaria que estas tribos têm que ser distinguidas da população camponesa autóctone ao redor das cidades-estado cananéias. Ainda que Dreher, com razão, distinga entre o Javismo dos quenitas e o de grupos pré-israelitas da Palestina central⁽¹¹⁾, permanece Jz 5.2ss, 11, 13ss como problema. Estes versículos pressupõem uma distinção básica entre tribos da fé Javista nas montanhas como grupos imigratórios e a população autóctone a serviço das cidades-estado. A identificação do deus El com Javé não significa, necessariamente, a sedentarização consumada em comunidades rurais em torno de cidades-estado cananéias com todos os conflitos do modo de produção tributário⁽¹²⁾. Se M Noth está certo que a batalha de Débora pode ser datada nos tempos de Jefté⁽¹³⁾, então nós estamos, em Jz 5, diante de uma época ainda caracterizada por migrações de partes da população israelita pré-estatal⁽¹⁴⁾. Por causa disto não é por acaso que Jz 4 e 5 mencionam os quenitas como nômades em lugares de destaque; a sua participação, segundo o teor do poema⁽¹⁵⁾, parece decisiva (Jz 4.18ss.;

-
- (10) Issacar é repreendido em Gn 49.15b e elogiado em Jz 5.14s. É óbvio que estes dois textos provêm de épocas diferentes e que, por isto, é admissível também a tese de que Jz 5.14s espelhe uma situação antes da sedentarização consumada (Gn 49.14); cf. C. WESTERMANN, **Genesis**, BK 13, Neukirchen-Vluyn, 1982, p. 266. Aliás, “Issacar” não significa, necessariamente, “homem assalariado” (G. BERGSTRÄSSER, **Hebräische Grammatik**, Hildesheim, 1962, v. 1 § 171, p. 105). Mais prováveis são aquelas interpretações — como a de R. de LANGHE: “(El) gratificará” (**Les textes de Ras Shamra-Ugarit**, Gembloux & Paris, 1945, v. 2, p. 85 s) — que não precisam adicionar um ²aláf inicial, tanto mais que a raiz **škr** é bastante testemunhada como epíteto divino (conforme Ch. — F. JEAN & J. HOFTIJZER, **Dictionnaire des Inscriptions Sémitiques de l'Ouest**, Leiden, 1965, p. 300). Quanto ao **šaf^cel** no Hebraico, cf. L. WÄCHTER, *Reste von šaf^cel-Bildungen*, **ZAW**, 83: 380ss, 1971.
- (11) Cf. A. H. J. GUNNEWEG, **Geschichte Israels bis Bar Kochba**, ThWi 3, Stuttgart, 1976, p. 28.
- (12) Cf. M. GÖRG, *Anfänge israelitischen Gottesglaubens*, **Kairos**, 18: 259ss, 1976.
- (13) **Aufsätze zur biblischen Landes — und Altertumskunde**, Neukirchen-Vluyn, 1971, v. 1, p. 466ss.
- (14) *Id.*, **op. cit.**, p. 360ss, 368ss.
- (15) Também a forma literária parece ser nômade; cf. M. S. SEALE, *Deborah's Ode and the ancient Arabian Qasida*, **JBL**, 81: 343ss, 1962.

5.24ss). Também é um fato que os moabitas e amonitas, grupos afins e vizinhos da Transjordânia, tinham abandonado suas tradições nômade e chegado a formar um Estado, já pouco tempo após sua sedentarização na segunda metade do século XII AC, ao passo que ainda Salomão teve que combater uma antiga resistência de origem nômade⁽¹⁶⁾ com medidas administrativas⁽¹⁷⁾. Isto não seria explicável, se a grande maioria da população **israelita** na Palestina central desde o princípio se constituísse de elementos autóctones⁽¹⁸⁾ provenientes das planícies.

3) A tese de Dreher de que em Jz 5.19 **bāša^c** signifique “tributo”, pressuporia, contudo, pelo menos uma sedentarização das tribos israelitas, no século XII AC já há muito tempo consumada. Dreher fala, no tocante às tribos israelitas, até de modo de produção “tributário” que não conhece **nenhuma** propriedade privativa da terra. A partir de muitos documentos cuneiformes de Ugarit e Alalah e de estudos recentes⁽¹⁹⁾ sabemos que o direito fundiário cananeu não restringiu transações de terras sob jurisdição comunitária para mãos de particulares⁽²⁰⁾. Podiam ser compradas e vendidas até dentro da comunidade rural como propriedade privativa⁽²¹⁾. Se nós consideramos o modo de produção tributário como significativo para o sistema social cananeu (como o definiram M. Godelier e outros), enfrentamos dificuldades invencíveis de explicar a nomenclatura estandardizada que se encontra nos contratos ugaríticos quanto à compra e venda de terras nas comunidades rurais a serviço da capital⁽²²⁾.

4) **bāša^c bāša^c** significa “fazer lucro” (Jr 6.13; 8.10; Ez 22.27; Hc 2.9; Pv 1.19; 15.27)⁽²³⁾. **Jr 22.17** corresponde a este significado geral; o

(16) Cf. K. H. BERNHARDT, **Das Problem der altorientalischen Königsideologie im AT**, SVT 8, Leiden, 1961, p. 105ss, 139ss, 154ss.

(17) ID., **op. cit.**, p. 168ss.

(18) Cf. n. 1.

(19) R. HAASE, Anmerkungen zum ugaritischen Immobilienkauf, **ZA**, 58: 196ss, 1967; M. L. HELTZER, **The rural community in Ancient Ugarit**, Wiesbaden, 1976, p. 90ss.

(20) Expressamente em J. NOUGAYROL, **Le palais royal d'Ugarit**, Paris, 1955, v. 3, N° 15.136; 15.140; 15.145; 16.134; 16.154; 16.256; 16.261; 16.343, etc.; também em Alalah; cf. D. J. WISEMAN, **The Alalakh Tablets**, London, 1953, N° 59 e 62, etc.

(21) Mari é um caso diferente; cf. G. BOYER, **Textes juridiques**, Archives royales de Mari, Paris, 1958, N° 11-14 e §§ 32ss, p. 190ss.

(22) Sobre a discussão atual cf. I. HAHN, Die Anfänge der antiken Gesellschaftsformation, in: H. G. KIPPENBERG, ed., **Seminar: Die Entstehung der antiken Klassengesellschaft**, stw 130, Frankfurt/M., 1977, p. 68ss.

(23) Cf. L. KÖHLER & W. BAUMGARTNER, **Hebräisches und Aramäisches Lexikon**, Leiden, 1967, v.1, p. 141b. cf. **bāša^c**, “lucro”, **ibid.**, p. 142a.

versículo fala, de acordo com Jr 22.13b (cf. Jr 6.13; 8.10b) sobre a retenção do salário. — Interpretando **Ez 22.27**, é necessário não excluir o versículo paralelo Ez 22.12s⁽²⁴⁾. Aqui **bāṣa^c** está em conexão com negócios financeiros; **bṣ^c** e **nš^k** são paralelizados (cf. também Ez 18.8)⁽²⁵⁾. Cf. também Ez 33.31, onde ocorrem “avidez” (de amor) e “ganância” (geral) em um paralelismo⁽²⁶⁾. — Mesmo não omitindo em **Pv 28.16** o **nagīd** como acréscimo secundário, chama atenção que não há nenhuma ligação clara entre 28.16a e 16b⁽²⁷⁾. É óbvio que estão relacionados 28.15 e 16a, e que 16b é bem melhor explicável de acordo com Pv 1.19 e 15.27. — Naturalmente, **ksp** (sem **šql**) pode assumir o significado de “dinheiro”, bem como nos textos ugaríticos, mas isto não comprova **bṣ^c** como “tributo”; **ksp** (sem **šql**) pode significar não apenas “presa” (cf. Sl 68.13s)⁽²⁸⁾, mas também “prata não-cunhada” (cf. Gn 42.25,35; Dt 2.18; 23.20; Am 2.6, etc.)⁽²⁹⁾. Dreher não justifica porque o texto Jz 5.19 não emprega os conceitos normais para “tributo” em Hebraico, p. ex. “**minḥāh**” (cf. Jz 3.15, 17s; 2 Sm 8.2,6; 2 Rs 17.3s). **Minḥāh** também se encontra nos textos ugaríticos⁽³⁰⁾. H.W. Wolff menciona ainda outros termos⁽³¹⁾.

F.E. Dobberahn

(24) W. ZIMMERLI, **Ezechiel**, BK XIII, Neukirchen-Vluyn, 1979, v. 1, p. 525; cf. p. 511.

(25) Cf. ID., **op. cit.**, p. 405s; R. de VAUX, **Das Alte Testament und seine Lebensordnungen**, Freiburg/Basel/Wien, 1964, v. 1, p. 274s.

(26) Cf. ID., **op. cit.**, BK XIII, v. 2, p. 823.

(27) O. PLÖGER, **Sprüche Salomos**, BK XVII, Neukirchen-Vluyn, 1984, p. 336.

(28) H.-J. KRAUS, **Psalmen**, BK XV, Neukirchen-Vluyn, 1978, v. 2, p. 634.

(29) H. BAUER, *Etymologica* I, **ZS**, 10:8, 1935.

(30) C. H. GORDON, **Ugaritic Textbook**, AnOr 38, Roma, 1967, N° 137, linhas 37s.

(31) **Joel/Amos**, BK XIV, Neukirchen-Vluyn, 1985, p. 290.